



# EDUCAÇÃO:

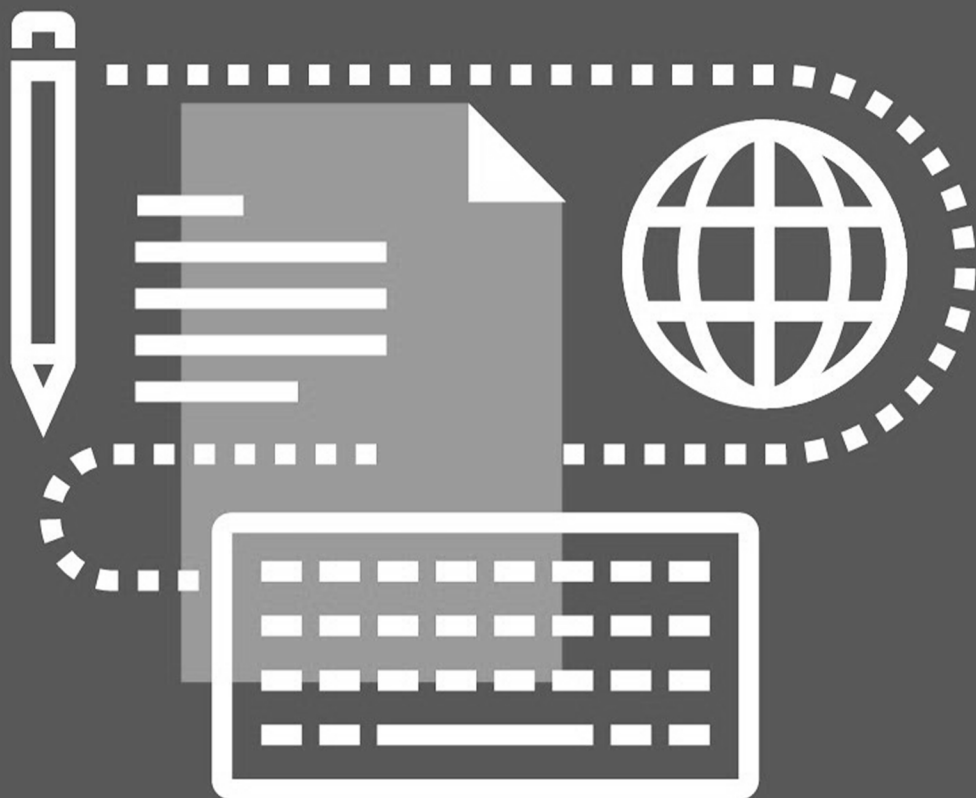
ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 6

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

Atena  
Editora

Ano 2020



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 6

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora

Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza



Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

# Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

6

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 6 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-287-6

DOI 10.22533/at.ed.876201308

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.  
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

  
**Ano 2020**



## APRESENTAÇÃO

Diante do cenário em que se encontra a educação brasileira, é comum a resistência à escolha da docência enquanto profissão. Os baixos salários oferecidos, as péssimas condições de trabalho, a falta de materiais diversos, o desestímulo dos estudantes e a falta de apoio familiar são alguns dos motivos que inibem a escolha por essa profissão. Os reflexos dessa realidade são percebidos cotidianamente no interior dos cursos de licenciatura e nas diversas escolas brasileiras.

Para além do que apontamos, a formação inicial de professores vem sofrendo, ao longo dos últimos anos, inúmeras críticas acerca das limitações que algumas licenciaturas têm para a constituição de professores. A forma como muitos cursos se organizam curricularmente impossibilita experiências de formação que aproximem o futuro professor do “chão da sala de aula”. Somada a essas limitações está o descuido com a formação de professores reflexivos e pesquisadores.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a formação de professores, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade, de uma forma geral, das diversas ações que são experienciadas no interior da escola e da universidade, nesse movimento de formação do professor pesquisador.

É nesse sentido, que o volume 6 do livro **Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado** nasceu, como forma de permitir que as diferentes experiências do [futuro] professor sejam apresentadas e constituam-se enquanto canal de formação para professores da Educação Básica e outros sujeitos. Reunimos aqui trabalhos de pesquisa e relatos de experiências de diferentes práticas que surgiram no interior da universidade e escola, por estudantes e professores de diferentes instituições do país.

Esperamos que esta obra, da forma como a organizamos, desperte nos leitores provocações, inquietações, reflexões e o (re)pensar da própria prática docente, para quem já é docente, e das trajetórias de suas formações iniciais para quem encontra-se matriculado em algum curso de licenciatura. Que, após esta leitura, possamos olhar para a sala de aula com outros olhos, contribuindo de forma mais significativa com todo o processo educativo. Desejamos, portanto, uma ótima leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
HISTÓRIA E MEMÓRIA DA PROFISSÃO COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DOCENTE: DIÁLOGOS ENTRE TRABALHO E SUBJETIVIDADE	
Mariana Esteves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
TRABALHO DOCENTE NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO OFICIAL SOBRE A VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE	
Katia Correia da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A BNCC: DESAFIOS AO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO	
Saulo José Veloso de Andrade	
Patrícia Cristina de Aragão	
Maria Leonilde da Silva	
Rosilene Candido da Silva Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: O QUE DIZ A PRODUÇÃO CIENTÍFICA	
Aline Belle Legramandi	
Manuel Tavares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
AS CONCEPÇÕES DE ALUNOS DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Tayná Moscoso de Sousa	
Letícia Raquel Amaro dos Santos	
Jorge Raimundo da Trindade Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>54</b>
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTADO DO CONHECIMENTO	
Samara Moura Barreto de Abreu	
Sarlene Gomes de Souza	
Silvia Maria Nóbrega-Therrien	
Vanessa de Carvalho Forte	
Wilson Nóbrega Sabóia	
Carolina Nóbrega Sabóia Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
ESTUDO SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS EM CURSO PRESENCIAL DE PEDAGOGIA	
Margarete Bertolo Boccia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8762013087</b>	

**CAPÍTULO 8 ..... 69**

O ADOECIMENTO COMO SINTOMA: UM ESTUDO REFLEXIVO ACERCA DO MAL-ESTAR DOCENTE

Gustavo César Fernandes Santana

Isadora Nunes Pires

Paula Ferreira Gonçalves

**DOI 10.22533/at.ed.8762013088**

**CAPÍTULO 9 ..... 79**

O PIBID PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTÍNUA DE PROFESSORES: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS DIÁRIOS DE CAMPO

Thais de Sá Gomes Novaes

Carolinne da Silva Cabral

Gabriella Maria dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.8762013089**

**CAPÍTULO 10 ..... 91**

LEVANTAMENTO DE DÚVIDAS SOBRE ASPECTOS FONOAUDIOLÓGICOS E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Marília Piazzzi Seno

Simone Aparecida Capellini

**DOI 10.22533/at.ed.87620130810**

**CAPÍTULO 11 ..... 100**

LEARN? WHO WILL TEACH THE NEXT GENERATION? THE TEACHER, MAYBE

Nelson Tavares Matias

Messias Borges Silva

Ninad Pradhan

Rupy Sawhney

Natalha Gabrieli Moreira Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.87620130811**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

ESTADO DA QUESTÃO SOBRE LEITURA, SEMIFORMAÇÃO E PIBID

Daniele Cariolano da Silva

Jacques Therrien

Maria Marina Dias Cavalcante

**DOI 10.22533/at.ed.87620130812**

**CAPÍTULO 13 ..... 150**

A ARTE CONTRIBUINDO PARA SAÚDE E BEM ESTAR DO EDUCADOR

Juliâna Venzon

**DOI 10.22533/at.ed.87620130813**

**CAPÍTULO 14 ..... 156**

ESTÁGIO, PIBID E PRP NA FORMAÇÃO DOCENTE: ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA

Filipe Gutierre Carvalho de Lima Bessa

Antônia Nádia Brito dos Santos

Mônica Dias Soares

João Victor Dias da Silva

Fátima Beatriz Mesquita Damasceno

**DOI 10.22533/at.ed.87620130814**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
CURRÍCULO E PROCESSOS EDUCATIVOS DA EJA: A IMPORTÂNCIA DE PENSAR A FORMAÇÃO DOCENTE E SUAS ESPECIFICIDADES	
Perla Cristiane Envy	
Khaled Omar Mohamad El Tassa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87620130815</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>173</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>174</b>

## TRABALHO DOCENTE NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO OFICIAL SOBRE A VERTICALIZAÇÃO DO ENSINO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

*Data de aceite: 03/08/2020*

*Data de submissão: 05/05/2020*

### **Katia Correia da Silva**

Professora de Sociologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana – PPFH – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
<http://lattes.cnpq.br/5317576658593840>

**RESUMO:** A abordagem qualitativa em pesquisa nas áreas da Educação e Ciências Sociais tem representado um caminho alternativo à rigidez positivista. O intercâmbio com as discussões do campo sociológico permite ampliar a noção de educação para além da escola. Neste sentido, a utilização da Análise Sociológica do Discurso (ASD) pode auxiliar-nos na produção de novos sentidos para o já estabelecido nas análises educacionais. O presente trabalho pretende discutir, à luz ASD, os dispositivos discursivos que disseminam práticas e pensamentos de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Os Institutos Federais (IFs) trabalham no modelo de verticalização do ensino e lidam tanto com alunos do ensino médio técnico quanto com a graduação e a pós-graduação. Com o

auxílio da ASD analisaremos o discurso oficial contido na legislação de criação dos IFs e nos documentos institucionais, contrapondo-os com as falas e práticas dos professores que lidam no dia a dia com os desafios deste modelo de trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** prática docente; verticalização do ensino; ASD

TEACHING WORK AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RIO DE JANEIRO: AN ANALYSIS OF THE OFFICIAL SPEECH ABOUT VERTICAL TEACHING AND THE CHALLENGES OF CLASSROOM TEACHING PRACTICE

**ABSTRACT:** The qualitative approach to research in the areas of Education and Social Sciences has represented an alternative to positivist rigidity. The exchange with discussions in the sociological field allows to expand the notion of education beyond the school. In this sense, the use of Sociological Discourse Analysis (ASD) can help produce new meanings for what is already established in educational analysis. The present work intends to discuss, pursuant to the ASD, the discursive devices that disseminate practices and thoughts of teachers

of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro (IFRJ). The professors of Federal Institutes work with the vertical model of teaching, which means that they teach for high school students, undergraduate and graduate students. With the help of ASD we will analyze the official discourse in the legislation of the IFs and in the institutional documents, contrasting them with the speeches and daily classroom vertical teaching practice.

**KEYWORDS:** teaching work; vertical teaching practice; ASD

## 1 | INTRODUÇÃO

Em 29 de dezembro de 2008 foi realizada uma grande reforma no sistema de formação profissional federal através da Lei nº 11.892/ 2008. Esta Lei instituiu a Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica fundando os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), que oferecem desde cursos de ensino médio técnico-profissional até cursos de doutorado.

Além de apresentar a lei que criou os IFs, o governo federal estabeleceu a Lei nº 11.784/2008 que criou uma nova carreira de professores que atuam na rede federal: professores do ensino básico técnico e tecnológico (EBTT). O docente da nova carreira teve seu salário praticamente equiparado ao salário dos professores universitários, seu diferencial é que tem permissão legal para atuar no ensino básico além do ensino superior. Isso significa dizer que nos IFs um professor pode lecionar para grupos que vão desde a formação técnica de grau médio até a pós-graduação, o que denomina-se verticalização do ensino.

A fim de compreender os novos desafios que se colocaram a partir da nova legislação para o trabalho docente, o presente artigo buscará fazer uma análise sobre os discursos que se referem às práticas pedagógicas dos docentes da nova carreira. A partir da análise de entrevistas realizadas no campus Arraial do Cabo, pertencente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), para a pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana - PPFH/UERJ, buscou-se compreender os dispositivos discursivos que transmitem práticas e pensamentos de professores que passaram a atuar sob a configuração da nova legislação. Foram feitas entrevistas analisadas sob a ótica da Análise do Discurso (AD), mais especificamente, à luz da Análise Sociológica do Discurso (ASD). Este trabalho representa o processo inicial de entrevistas e análises que foram realizadas em mais três campi do IFRJ com o objetivo de mapear a realidade do trabalho docente verticalizado no IFRJ.

## 2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Criado (1998) afirma que a maioria das técnicas de pesquisa em Sociologia são

linguísticas, levantando a questão da relação entre o que as pessoas fazem e o que elas dizem. Para o autor, os discursos são assuntos práticos em situações sociais, sendo uma prática linguística, a técnica de análise de discurso busca perceber a estrutura de um texto e extrair destes, entendimento de suas construções ideológicas. A palavra em si é uma construção linguística relacionada com o contexto social em que o texto se desenrola. Ideologias presentes em um discurso estão diretamente determinadas pelo contexto político e social em que o autor vive. Mais do que uma análise textual, analisa-se a expressão contextual da estrutura discursiva em questão.

No Brasil, as análises de discursos (AD) mais conhecidas e utilizadas são de origem francesa e anglo-saxã. A Análise Sociológica do Discurso (ASD) vem da tradição espanhola de pesquisa social qualitativa, ligada à Sociologia Crítica dos nomes de Jesús Ibáñez, Alfonso Ortí, Lucas Angel, Francisco Pereña e José Luis Zárraga, bem como os mais recentes trabalhos de pesquisadores treinados por eles, como por exemplo, Fernando Conde, Jorge Ruiz Ruiz, Luis Enrique Alonso, Enrique Martín Criado, entre outros (GODOI; COELHO, SERRANO, 2014).

Não há unanimidade sobre o entendimento da Análise Sociológica de Discurso, com inúmeras variações observadas nas práticas dos pesquisadores mais influentes. No entanto, dois elementos, observados por Conde (2009 apud GODOI; SOARES, 2015), integram as diferentes linhas da ASD: a) a unidade de análise centrada no corpo do texto da investigação como um todo e não na segmentação; b) a vinculação e a articulação entre as perspectivas internalistas e contextuais do discurso, salientando a importância do contexto sobre o texto.

### **3 | OS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

Mais recentemente, na primeira década do século XXI, uma reforma contundente do ensino profissional da Rede Federal foi realizada através da Lei nº 11.892/2008. Esta lei criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e definiu como finalidades e características destes institutos ofertar educação profissional e tecnológica em todos os seus níveis e modalidades. São 38 Institutos Federais presentes em todos os estados, e temos também na Rede Federal o Colégio Pedro II, escola carioca de tradicional formação humanística, que foi equiparado aos Institutos Federais através da Lei nº 12.677/12. Além disso, a Rede Federal de Educação Profissional é formada por instituições que não aderiram aos Institutos Federais, mas também oferecem ensino profissional em todos os níveis. São dois CEFETs (Centro Federal de Educação Tecnológica), 25 escolas vinculadas a Universidades e uma Universidade Tecnológica.

Os Institutos Federais se propõem a oferecer cursos de qualificação, ensino médio integrado ao técnico, cursos superiores de tecnologia e licenciaturas. O objetivo segundo, a lei, é formar e qualificar cidadãos com vistas à atuação profissional nos diversos setores



da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional.

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, submete a Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica a um processo de “ifetização”. A quase totalidade dos antigos CEFETs se transformou em Instituto Federal, somente os CEFETs do Rio de Janeiro e de Minas Gerais ainda permanecem como Centros Federais de Educação Tecnológica, pois, pleiteiam transformarem-se em Universidade Tecnológica como aconteceu com o CEFET do Paraná.

Os primeiros CEFETs surgiram através da Lei nº 6545/1978, que transformou as Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e do Rio de Janeiro (Celso Suckow da Fonseca) em Centros Federais de Educação Tecnológica. Ao longo dos anos, as demais Escolas Técnicas passaram a pleitear a transformação em CEFET. Foi somente em 8 de dezembro de 1994, através da Lei nº 8.948, no governo de Itamar Franco, que as demais Escolas Técnicas se tornaram CEFETs.

Os Centros Federais de Educação Tecnológica foram criados com os seguintes objetivos: a) ministrar ensino em grau superior; b) ministrar ensino de 2º grau (atualmente denominado ensino médio), com vistas à formação de auxiliares e técnicos industriais; c) promover cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização, objetivando a atualização profissional na área técnica industrial; d) realizar pesquisas na área técnica industrial, estimulando atividades criadoras e estendendo seus benefícios à comunidade mediante cursos e serviços.

Em 2004, através do Decreto nº 5.224 de 1º de outubro, o governo federal dispôs sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica. Este Decreto previu a articulação verticalizada e integração da educação tecnológica aos diferentes níveis e modalidades de ensino, ao trabalho, à ciência e à tecnologia. Os IFs, então, “herdam” dos CEFETs a característica marcante da verticalização do ensino.

Constatamos que a experiência de formação profissional aplicada nos CEFETs foi ampliada através da reforma de 2008, replicando o modelo de ensino verticalizado para várias instituições de educação profissional da rede federal, formação que deveria englobar diversas modalidades e níveis de ensino. O surgimento dos Institutos Federais avultou o alcance dos cursos tecnológicos, aumentando a disponibilização de cursos superiores em todo país.

O termo verticalização na redação da Lei nº 11.892/2008 não fica identificado com clareza:

“Das Finalidades e Características dos Institutos Federais

Art. 6º - Os Institutos Federais têm por finalidades e características

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão (BRASIL, 2008)”.

Para Pacheco (2011), a *transversalidade* e a *verticalização* são dois aspectos que contribuem para a singularidade do desenho curricular nas ofertas educativas dos Institutos Federais. No entanto, o que se apresenta como inovação e singularidade no lançamento dos IFs já era experimentado desde fins dos anos 70 em escolas da Rede Federal.

Segundo Quevedo (2016b), na redação da Lei não se identifica um conceito de verticalização, a Lei menciona a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior como forma de otimização da infraestrutura física, dos quadros de pessoal e dos recursos de gestão. Contudo, a verticalização do ensino abordada sob a ótica da otimização de recursos é insuficiente para justificar o papel de instituição singular dos Institutos Federais.

Sendo esta justificativa pouco satisfatória para explicar a função de instituição inovadora dos IFs, se faz necessário compreender os aspectos pedagógicos da verticalização do ensino e os impactos na prática docente, na vida acadêmica dos discentes, enfim, é imprescindível entender os desafios para os servidores envolvidos com a operacionalização desta prática.

Para buscar uma melhor compreensão sobre a prática da verticalização do ensino como proposta inovadora no dia a dia do trabalho dos docentes, foram realizadas entrevistas semi-abertas com professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Arraial do Cabo. A análise destas entrevistas representa o início de uma pesquisa que buscou compreender os desafios da verticalização do trabalho docente no Instituto Federal do Rio de Janeiro.

#### **4 | COLETA DOS DADOS QUALITATIVOS E PROCEDIMENTOS DE INTERPRETAÇÃO**

A entrevista é considerada por Godoi e Matos (2006 apud GODOI; SOARES, 2015) ferramenta para a recolhida de dados qualitativos imprescindíveis para compreender o fenômeno o qual está sendo pesquisado. Para Nogales (1999), o entrevistador não segue pautas específicas para o desenvolvimento da entrevista em profundidade, não obstante, deve controlar que o entrevistado não se desvie das áreas objeto do estudo (GODOI; SOARES, 2015).

Utilizando-se a metodologia da Análise Sociológica do Discurso (ASD), procedemos a análise das entrevistas com professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Arraial do Cabo - cidade praiana, vizinha do município de Cabo Frio - situada na Região dos Lagos fluminense.

Realizaram-se um total de quatro entrevistas que foram gravadas (com o

consentimento dos indivíduos) e posteriormente transcritas. Todas começaram com perguntas fechadas relacionadas ao tempo de magistério, experiência profissional, *área de graduação, tempo de realização da graduação e caso tivessem feito pós-graduação, tempo de formação.*

Buscamos, em primeiro lugar, transcrever as entrevistas e fazer as primeiras anotações em relação a elas (intuições, sensações, ideias, conclusões), assim como, identificar as temáticas mais recorrentes e elaborar o perfil dos entrevistados. Em seguida, foi feito o trabalho de leitura das entrevistas, buscando organizar as transcrições de forma provisória porém inteligíveis (CONDE, 2010 apud GODOI; SOARES, 2015).

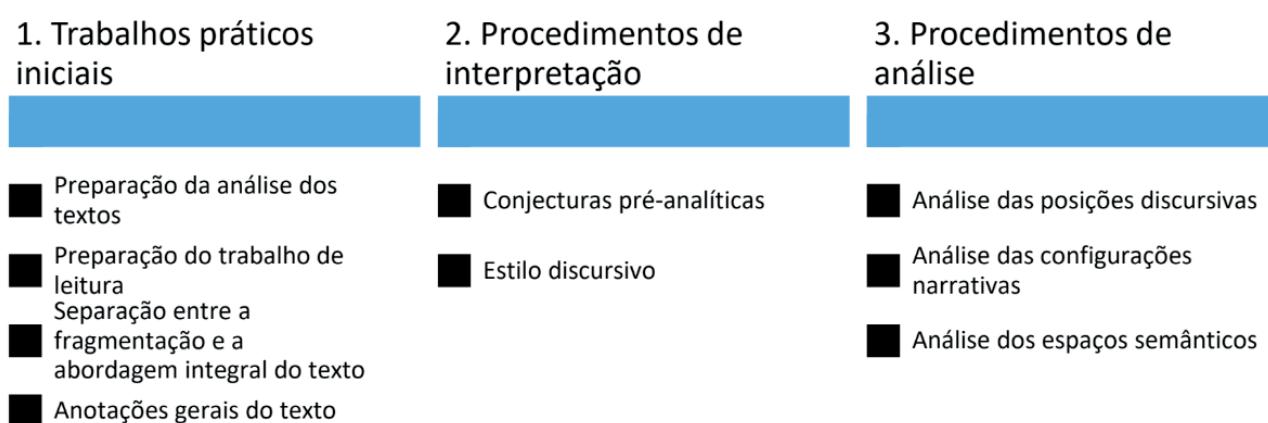


FIGURA 1: Procedimentos da Análise Sociológica do Discurso (ASD)

Fonte: Adaptação de Godoi e Soares, 2015

Decidiu-se entrevistar quatro professores, dois homens e duas mulheres, foram consideradas as particularidades mais destacáveis capazes de caracterizá-los:

E01 – professor jovem com menos de 10 anos de IFRJ

E02 – professora com muitos anos de vida e com mais de 20 anos de IFRJ

E03 – professor com muitos anos de vida e com menos de 10 anos de IFRJ

E04 – professora jovem com menos de 10 anos de IFRJ

Iniciamos as entrevistas com perguntas que buscavam mapear a situação funcional dos entrevistados, passou-se para uma pergunta aberta a fim de que os sujeitos expusessem ao máximo suas experiências de trabalho vivenciadas na instituição, procurando que sempre relatassem suas impressões sobre a atuação nas diversas modalidades de ensino do IFRJ. Em tempo, todos os entrevistados atuam ou já atuaram em mais de uma modalidade de ensino na instituição, uma das entrevistadas hoje tem cargo de direção, no entanto, continua atuando como professora na extensão.

A pesquisadora também observou algumas reuniões realizadas no campus, uma

delas foi realizada pela pró-reitoria de ensino médio técnico (PROET), que convocou todos os professores que atuavam na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

No campus há um grande impasse, pois, decidiu-se que a modalidade EJA não abriria mais turmas novas em decorrência da baixa procura. A pró-reitoria realizou a reunião para buscar resolver o impasse de forma consensual, pois, o campus enfrenta um grande problema relacionado à baixa RAP (relação aluno/professor). A pesquisadora também participou do colegiado de campus do ensino médio técnico e do colegiado de campus da pós-graduação. A participação nos colegiados de campus, que são obrigatórias em todos os campi, fizeram saltar aos olhos o grande desafio que é contar com a participação de todos os professores que fazem parte dos colegiados, visto que a maioria ministra aulas em mais de uma modalidade de ensino e, por isso, têm de três a quatro reuniões de colegiado por mês. Além disso, há um grande cansaço físico e mental causado por horas de participação em mais de uma reunião no mesmo dia – se o professor trabalha em mais de uma modalidade de ensino, ele é automaticamente membro do colegiado das várias modalidades para as quais ele leciona. Outra situação complicada, se der aula em mais de um curso médio-técnico, o professor participa de muitos conselhos de classe (COC), por exemplo, dos COCs do médio integrado ao técnico para alunos em idade compatível com o nível de ensino – muitos campi do IFRJ possuem mais de um curso desta modalidade -, da EJA, dos cursos subsequentes/concomitantes.

As anotações gerais feitas no caderno de campo serviram para dar maior clareza ao contexto das entrevistas, e das reuniões, para assim produzir as primeiras impressões que deram origem às conjecturas da pré análise das informações.

Realizados os trabalhos iniciais de transcrição e anotadas as impressões primeiras sobre as entrevistas e sobre a observação das reuniões e colegiados do campus, partiu-se para os procedimentos de interpretação dos textos decorrentes das entrevistas.

Primeiramente, nos debruçamos no desenho das conjecturas do trabalho de investigação, pensando nas configurações da intermediação entre a pesquisa quali e quantitativa para identificar as posições discursivas desempenhadas pelos sujeitos investigados.

No discurso resultante das entrevistas podemos conjecturar que o sujeito/professor não tem uma noção inicial sobre a prática docente verticalizada, ele realiza seu trabalho sem refletir especificamente sobre os desafios do trabalho docente verticalizado. Após ouvir a pergunta durante a entrevista e, em alguns casos, a explicação sobre o que seria ensino verticalizado, os professores desenvolvem suas respostas sobre o tema.

Observa-se que os professores entrevistados demonstraram bastante interesse em compartilhar suas experiências na carreira do magistério, o que parece levar ao entendimento de que a instituição disponibiliza poucos espaços para escuta das experiências vividas pelos professores dentro e fora da instituição.

Percebeu-se que os entrevistados passam por diferentes momentos durante

a sua carreira no magistério, desde o trabalho em outras instituições de ensino onde dedicavam-se à apenas um nível de ensino (quando o professor trabalhou em mais de uma instituição, em cada uma delas dedicava-se à apenas uma modalidade de ensino), até experimentarem o trabalho no Instituto Federal do Rio de Janeiro, onde precisaram aprender a lidar com diferentes modalidades de ensino ao mesmo tempo, em alguns casos, no mesmo dia de trabalho. Sobre o fato, E01 afirma: *“Se você perguntar se eu entrei aqui preparado, digo que não”*.

O IFRJ herdou das Escolas Técnicas Federais, que posteriormente transformaram-se em CEFETs, a tradição de permitir que professores com experiência na indústria, mesmo sem licenciatura, lecionassem para alunos do ensino básico, devido a especificidade do ensino técnico, como fica evidente na fala do E03: *“Trabalhei em empresas até ter 35 anos de trabalho em empresas, aí eu me aposentei, prestei concurso, e então estou lecionando [ ...]. Não fiz licenciatura e nunca fiz nenhuma formação pedagógica, mas acho muito importante, por exemplo, tou começando a trabalhar agora com o pessoal que tá tentando montar a pós-graduação em técnicas digitais aplicadas ao ensino, lendo os artigos que escrevem sobre isso eu percebo que faz falta esta visão de licenciatura, de pedagogia, não tenho esta formação”*.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), os professores que dão aulas para o Ensino Básico – que é o caso dos cursos técnicos – precisam ter licenciatura. O Conselho Nacional de Educação estabeleceu o prazo de até 2020 para que os docentes da carreira EBTT, participem de formação pedagógica para atuação na Educação Profissional e Tecnológica (EPT).

A relação do IFRJ com o linguajar da indústria é bastante forte, o que pode ser exemplificado na fala de E02: *“Havia dois gerentes de ensino, um ligado ao ensino básico e outro ao técnico, um gerente administrativo e um gerente de pesquisa e extensão”*. E02 havia ocupado, quando a escola ainda era CEFET, o cargo de gerente do ensino básico e depois gerente de relações empresariais. O que pode se aferir do discurso é que as falas de professores vinculados às áreas específicas está bastante permeada pelos trejeitos da indústria e, durante muito tempo, termos utilizados no mercado de trabalho pautaram a divisão organizacional da instituição.

No início da entrevista, E02 afirma que só dava aulas para os primeiros quatro períodos do ensino médio técnico, pois, *só possuía graduação*. A parte técnica específica ficava a cargo dos professores mestres e doutores: *“Muita gente com doutorado desempregada fazia né...[o concurso].”*

E02 salienta que a instituição estimula muito a busca por formação em nível de pós-graduação de seus profissionais: *“Quando eu entrei na escola, também, o grupo, todo mundo entrou na Biologia junto, né, eu senti assim, que tinha um incentivo pra gente fazer especialização, mestrado, doutorado, eu fui muito incentivada no IFRJ a continuar me titulando, não só pela questão financeira, porque se você não se titulasse não ia ter o*

*dinheiro, melhoria de salário, porque tudo achatado, né, vivi muitas greves [risos]...”*

A busca por aperfeiçoamento é confirmada na fala de E03: *“Mudei de empresa e a empresa onde fui trabalhar não me dava a possibilidade de continuar estudando, então parei, aí, quando prestei concurso e comecei a lecionar, bom, vou continuar, aí fiz o doutorado, meu doutorado foi terminado em 2014. Quer dizer, o mestrado está lá pra trás, 1980, grosseiramente, e 2014 o doutorado”.*

Vale frisar que no discurso de alguns professores atribuiu-se o desejo de realizar a pós-graduação, além da questão financeira, a uma cobrança dos alunos, quando na verdade, percebeu-se através da entrevista, que a cobrança partia dos próprios colegas de trabalho, que não utilizavam, por exemplo, no ensino básico, o livro didático próprio para o nível *médio*, mas, uma literatura importada que, conjecturamos, os professores haviam tido contato em seus cursos de pós-graduação: *“[...] mas acho que tinha um incentivo dos próprios alunos porque muda tudo, muda tua literatura, lá a gente não tinha muito o uso do livro didático, então, era um livro em inglês, então tinha que traduzir muitas coisas.”*

Fica muito evidente nas falas dos professores que há um desconhecimento sobre os desafios de trabalhar com a verticalização do ensino e, em alguns momentos, foi preciso explicar o que seria o conceito de verticalização. Observa-se que o professor usa a mesma didática da graduação para lidar com alunos do ensino básico, e esta é uma prática muito antiga na instituição, desde os tempo de Escola Técnica.

É comum, também, surgirem questionamentos sobre o desperdício de material humano qualificado e bem remunerado para dar aula para poucos estudantes, e poderíamos conjecturar, para estudantes com escolaridade considerada “fraca”. E01 dá o exemplo do curso MSI (montagem e suporte de computadores), que é ministrado na modalidade EJA. O curso possui duas turmas nos dois últimos períodos, cada uma com um aluno: *“Essa é uma discussão particular minha, assim, a questão de que, o instituto tem uma política meio estranha, assim, quando você valoriza o cara por ser doutor pra dar uma aula pra essa galera, acho que você torna, como diz um colega meu, a hora aula mais cara do universo. Um doutor dando aula pra dois alunos do MSI economicamente é uma loucura”.*

Na reunião realizada pela PROET, sobre o encerramento de matrículas na EJA, os professores demonstraram preocupação em manter turmas exíguas, que mobilizavam uma quantidade grande de docentes, necessitando de infraestrutura e grandes gastos. Foi exposta, em certo momento da reunião, a ideia de que os professores devem fazer “propaganda” do curso EJA, no entanto, esta ideia foi questionada veementemente pelos docentes do campus, pois, se justificou que este não é o papel de um professor. A PROET levou para o campus a problemática da baixa RAP e falou-se sobre o pouco conhecimento da comunidade ao redor em relação aos cursos ofertados pela instituição. Um dos professores presentes à reunião - um dos que questionaram a ideia de que o professor precisa “capturar” alunos - afirmou que o campus fica “encastelado” e reconheceu que



alguma estratégia deve ser alinhavada para mudar esta realidade, ou seja, a comunidade precisa conhecer melhor o IFRJ.

Assisitindo, durante dois dias, à três reuniões no campus Arraial do Cabo, percebemos que há um grupo de professores que não está na gestão diretamente, mas, participa de todas as reuniões e tem um discurso crítico buscando interferir nas decisões do campus, não deixando somente nas mãos dos representantes da gestão os rumos da escola. Há outro grupo, mais ausente, que mora em outras cidades distantes e não consegue participar de todas as reuniões (no momento a gestão está bastante preocupada com os pedidos de transferência, foi aberto recentemente um edital de permuta e dez professores do campus se candidataram), e há um grupo que não possui o hábito de opinar sobre os rumos da instituição e permite que as decisões sejam tomadas por terceiros.

Os entrevistados apresentam estilos discursivos diferentes: há aquele que gosta de contar com detalhes a história da instituição e as minúscias de seu trabalho, demonstrando paixão e orgulho pelo que faz; aquele que relata suas experiências com rigor, de forma cerimoniosa; até aquele que dá seu depoimento com ressentimentos e uma certa decepção com fatos desagradáveis passados na instituição.

É importante destacar que ao dar os depoimentos os entrevistados demonstram ter criado uma imagem sobre o entrevistador e o trabalho de pesquisa. E01, por exemplo, por ter observado a participação da pesquisadora na reunião com a PROET - que tratava do fechamento das turmas da EJA -, buscou montar seu discurso a partir das justificativas dos professores para não aceitarem mais matrículas na modalidade EJA: *“Os alunos da Eja, quando tinham contato direto com essas disciplinas, ou era matemática, ou tinham uma necessidade de fundamentação matemática, sofriam muito... Tem duas coisas envolvidas aí, historicamente este curso era mais para pessoas que já tinham feito seu ensino médio há muito tempo e aí, o que acontece, além do ensino médio ter sido fraco, eles estão há muito tempo sem ver nada, então, isso era um dificultador extremo”*. E ao fim de seu relato explicita as dificuldades passadas por ele para buscar transpor os obstáculos de trabalhar com um público com o qual nunca havia trabalhado antes e não possuía formação específica: *“E aí eu digo de mim, e de outros colegas que já relataram isso, nós não temos nenhum tipo de formação pra trabalhar com esse tipo de público, nós não sabemos, somos incompetentes mesmo, e o que acontece, a gente vai aprendendo a nadar no meio do mar, a gente fica no meio do mar tentando aprender a nadar, a gente acaba sobrevivendo, consegue manter a cabeça do lado de fora, é o máximo que a gente consegue, sabe...”*.

Este artigo retrata a fase inicial de uma pesquisa que utiliza análise de discurso como técnica para tratamento de dados. Busca destacar uma série de procedimentos iniciais característicos de uma metodologia específica de análise de discurso: a análise sociológica de discurso. Podemos enumerar como procedimentos iniciais da ASD: preparação da análise dos textos, preparação dos trabalhos de leitura, separação entre



a fragmentação e a abordagem integral do texto, anotações gerais nos textos, buscando realizar as conjecturas pré-analíticas e posicionar os estilos discursivos.

Vale sublinhar que, ao perscrutar a metodologia da ASD, torna-se imprescindível responder com maior propriedade perguntas do tipo: quem fala? Desde que posição se fala ou se produz o discurso? O que está em jogo quando se fala? O que se quer dizer com o que se diz? De que se fala? Como se organiza a fala?

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o trabalho de campo para buscar compreender a verticalização do ensino nos Institutos Federais, que se coloca como inovação e singularidade do novo modelo de instituição, verificou-se que este modelo tem sido aplicado há muitas décadas na Rede Federal de ensino.

Através de entrevistas realizadas com professores do IFRJ, campus Arraial do Cabo, ouviram-se relatos de docentes que ingressam na Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica atraídos pelos salários equiparados aos salários dos professores do Magistério Superior. Os professores EBTT integram uma nova carreira do magistério federal e são impelidos a lidar, mesmo sem capacitação específica, com várias modalidades de ensino: médio integrado ao técnico, subsequente e concomitante, EJA, tecnólogo, licenciaturas, especialização, mestrado e doutorado. Os depoimentos dão conta de que o professor entra na rede despreparado e, como afirma E01 *“vai se aprendendo a nadar no meio do mar”*.

Todos os entrevistados relataram que tiveram dificuldades ao ingressarem no IFRJ, depararam-se com os desafios advindos da falta de formação na área pedagógica, com turmas que consideravam “fracas”, ou com material didático voltado para o ensino superior. Ouvimos, com muitos anos de magistério na Rede Federal, que era comum a utilização de livros em inglês para ministrar aulas para turmas do ensino médio.

Observou-se que o campus Arraial do Cabo, situado no interior do estado do Rio de Janeiro, e que tem como “concorrente” o Instituto Federal Fluminense (IFF), campus Cabo Frio<sup>1</sup>, enfrenta a necessidade, para sua própria sobrevivência, de se fazer conhecer no entorno da escola. Diferentemente das universidades, que recrutam alunos de todo o Brasil através do SISU (sistema de seleção unificada), os Institutos Federais localizados no interior enfrentam dificuldades na captação de alunos para o ensino médio e, conseqüentemente, na RAP.

O presente trabalho não pretendeu, obviamente, a partir de entrevistas em um só campus do IFRJ, tirar conclusões definitivas sobre o trabalho docente verticalizado na instituição, não obstante, pretende contribuir para o debate mais cuidadoso sobre o tema, na medida em que o magistério, muitas vezes, se confunde com habilidade inata, dom, ou

---

1. O Instituto Federal Fluminense (IFF) é mais conhecido no norte fluminense que o IFRJ.

sacerdócio. Mesmo professores muito bem formados e bem remunerados confessam às dificuldades e obstáculos de lecionar para públicos diversos, destacando a importância, mesmo que alguns casos não explicitamente, de formação pedagógica específica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 6.545, de 30 de junho de 1978.** Dispõe sobre a transformação das Escolas Técnicas Federais de Minas Gerais, do Paraná e Celso Suckow da Fonseca em Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6545.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6545.htm). Acesso em 06/05/2016.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.948 de 8 de dezembro de 1994.** Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8948.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8948.htm). Acesso 15/06/2015.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: [http://www.ufcg.edu.br/prt\\_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf](http://www.ufcg.edu.br/prt_ufcg/ce2016/Lei%209394.pdf). Acesso 07/04/2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004.** Regulamenta o §2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e dá outras providências. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/cne>>. Acesso em 23/09/2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.224, de 1º de outubro de 2004.** Dispõe sobre a organização dos Centros Federais de Educação Tecnológica e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm). Acesso em 24/04/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.784, de 22 de setembro de 2008.** Estrutura o Plano de Carreira e Cargos de Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11784-22-setembro-2008-581033-norma-actualizada-> Acesso em 20/03/2017.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.677, de 25 de junho de 2012.** Dispõe sobre a criação de cargos efetivos, cargos de direção e funções gratificadas no âmbito do Ministério da Educação, destinados às instituições federais de ensino; altera as Leis nos 8.168, de 16 de janeiro de 1991, 11.892, de 29 de dezembro de 2008, e 11.526, de 4 de outubro de 2007; revoga as Leis nos 5.490, de 3 de setembro de 1968, e 5.758, de 3 de dezembro de 1971, e os Decretos-Leis nos 245, de 28 de fevereiro de 1967, 419, de 10 de janeiro de 1969, e 530, de 15 de abril de 1969; e dá outras providências.

CRIADO, Enrique. Martín. **Mentiras, inconsistencias y ambivalencias: teoría de la acción y análisis de discurso.** Seminario Permanente de Sociología: Jornadas de análisis de discurso en Ciencias Sociales, Sevilla, Andalucía, España. 2013.

CRIADO, Enrique. Martín. Los decires y los haceres. Papers. Revista de Sociología, vol. 56, p. 57 – 71, 1998.

IBÁÑEZ, J. **Perspectivas de la investigación social: el diseño en las tres perspectivas.** In: GARCÍA, M.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. (Org.). El análisis del realidad social: métodos y técnicas de investigación. Madrid: Alianza, 1986.

GODOI, Christiane; COELHO, Ana Lúcia de A. L.; SERRANO, Araceli. **Elementos epistemológicos e metodológicos da Análise Sociológica do Discurso: abrindo possibilidades para os estudos organizacionais.** Rev. Organ. Soc. vol.21 no.70, Salvador, July/Sept. 2014.

GODOI, Christiane; SOARES, Jakson. **Aplicação da Análise Sociológica do Discurso em estudos turísticos.** IX Fórum Internacional de Turismo do Iguassu. Junho de 2015. Disponível em: <http://festivaldeturismodascataratas.com/wp-content/uploads/2015/12/5.-Aplica%C3%A7%C3%A3o-da-An%C3%A1lise-Sociol%C3%B3gica-do-Discurso-em-Estudos-Tur%C3%ADsticos.pdf> . Acesso em 20/02/2017.

PACHECO, Eliezer (org.). **Institutos Federais: uma revolução na Educação Profissional e Tecnológica.** São Paulo, Brasília, Ed. Moderna, 2011.

QUEVEDO, Margarete. **Verticalização nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Concepção (ões) e Desafios no IFRS.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2016a. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1155/Dissertacao%20Margarete%20de%20Quevedo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso 19/04/2017.

\_\_\_\_\_. **Um olhar para o IFRS: concepções sobre a verticalização nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.** XI Anped Sul, Reunião Regional Científica da Anped. Curitiba, julho de 2016b. Disponível em: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo21\\_MARGARETE-DE-QUEVEDO.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo21_MARGARETE-DE-QUEVEDO.pdf). Acesso em 22/04/2017.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 36, 37, 41, 56, 58, 60, 90, 99, 128, 150, 151, 152, 153

ASD 16, 17, 18, 20, 21, 25, 26

### B

Bases teórico-metodológicas 126, 128

BNCC 29, 30, 31, 36, 39

### C

Características 18, 19, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 98, 162

Ciências Naturais 48, 49, 50, 51, 53, 148

College education 100

Curso de Pedagogia 61, 62, 67, 80, 84, 85, 142, 166

### D

Desafios 8, 16, 17, 20, 22, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 39, 53, 59, 66, 69, 70, 83, 86, 89, 90, 98, 130, 138, 139, 142, 143, 148, 151, 154, 161, 164, 165, 167, 170, 172

Docentes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 20, 23, 24, 26, 34, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 48, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 82, 86, 87, 90, 92, 131, 134, 138, 140, 148, 152, 158, 159, 161, 164, 165, 166, 169, 170

### E

Educação 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 59, 60, 61, 63, 68, 69, 71, 72, 74, 77, 78, 80, 82, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 152, 155, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Educação continuada 92

Educador 32, 58, 60, 76, 91, 94, 133, 150, 151, 152, 153, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 171, 173

Engineering 100, 106, 111, 114, 116, 120, 123

Ensino Fundamental 29, 30, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 82, 83, 91, 95, 96, 99, 131, 138, 158

Escala Likert 61, 66

Estado da questão 60, 126, 140, 149

Estado do conhecimento 54, 55, 56, 59

Estágio Supervisionado 48, 49, 50, 51, 52, 53, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163

## **F**

Fonoaudiologia 91, 92, 93, 95, 99

Formação 1, 2, 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Formação Continuada 9, 29, 32, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 81, 82, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 169

Formação de professores 2, 14, 42, 48, 53, 55, 58, 59, 60, 79, 80, 81, 82, 90, 130, 131, 132, 133, 136, 149, 158, 166, 172, 173

## **G**

Generational groups 100, 122

## **H**

História 1, 2, 9, 12, 13, 14, 15, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 43, 44, 54, 56, 72, 131, 143, 144, 165, 170, 171

## **M**

Memória 1, 3, 14

Metodologias Ativas 61, 62, 63, 67, 68, 162

## **N**

Narrativas Autobiográficas 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

## **O**

Olimpíada de Língua Portuguesa 41, 42, 43, 44, 46, 47

## **P**

Pesquisa de Opinião 61, 62, 66, 67

Pesquisa Educacional 55

Pibid 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 146, 147, 149, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 173

Política 6, 8, 9, 14, 24, 29, 33, 34, 45, 50, 79, 80, 82, 83, 134, 139, 143, 150, 151, 168

Prática docente 16, 20, 22, 36, 39, 50, 59, 83, 85, 86, 132, 135, 151, 156, 157, 158

Produção Científica 41, 131, 146

Produções acadêmicas 43, 69, 77, 126, 127, 128, 129, 130, 141

Professores 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 58, 59, 60, 65, 68, 70, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 126, 127, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 152, 154, 158, 160, 162, 163, 166, 167, 169, 171, 172, 173

Profissão 1, 8, 9, 10, 14, 31, 32, 45, 50, 53, 57, 58, 60, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 86, 89, 94, 132, 136, 137, 141, 143, 148, 151, 152, 153, 154, 157, 161, 162, 163

Psicanálise 69, 73, 74, 77

## S

Saúde 70, 71, 73, 77, 78, 91, 93, 94, 98, 99, 150, 151, 152, 154

Sufrimento 2, 3, 8, 11, 12, 69, 70, 73, 75, 76, 78, 152, 153

Students voice 100

Study in teams 100, 119

Subjetividade 1, 2, 8, 40, 151

## T

Trabalho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 57, 58, 62, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 85, 90, 91, 92, 94, 95, 98, 99, 123, 124, 126, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 159, 164, 165, 167, 169, 170, 171

Trabalho Docente 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 22, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 49, 71, 74, 78, 90, 132, 137, 152, 153, 154, 164, 165, 167

## V

Verticalização do ensino 16, 17, 19, 20, 24, 26

# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 6

[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020



# EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE  
DE TRANSFORMAÇÃO DO  
CONHECIMENTO GERADO

# 6

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

**Atena**  
Editora

Ano 2020